



SABERES NECESSÁRIOS AO ENSINO DE GEOGRAFIA:

um estudo fundamentado na obra Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire

FARIA, Inajara¹; COSTA, Ana Paula Bueno¹; PITANO, Sandro de Castro².

¹ Acadêmicas do Curso de Licenciatura em Geografia, ICH/UFPe
Bolsistas do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Geografia
inajara.faria@gmail.com, paulabueno_costa@hotmail.com

² Orientador, Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Geografia, GEPEG,
ICH/UFPe.

spitano.unipampa@ufpel.edu.br
Rua cel. Alberto Rosa, 154 - Bairro Porto – Pelotas.

1. INTRODUÇÃO

A avaliação da prática por educadores é fundamental. Ela nos remete a reflexão e, ao diálogo, estimuladores do movimento qualificador da ação docente. Repensando se os métodos utilizados levam o educando a criar possibilidades de produção, aguçando a curiosidade, deixando-o livre para arriscar-se e aventurar-se, para, assim, acontecer a construção ativa de conhecimento.

É nesta avaliação que o educador faz uma reflexão sobre si, sobre como trabalhar em cada sala de aula levando em consideração as características peculiares de cada ambiente escolar. Revendo quais são os saberes necessários que auxiliam na vida profissional do educador. De modo que vise a compreender como estes saberes estão atrelados no processo de ensino-aprendizagem.

Não temos a intenção de verificar quais saberes são principais, ou mais importantes do que outros, muito menos dar uma receita pronta acerca dos saberes fundamentais para a aprendizagem, porque como Paulo Freire dizia, não há saber mais ou menos e sim, saberes diferentes, que são característicos de cada professor para cada turma.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O objetivo deste estudo é compreender, junto a professores de Geografia da Educação Básica, quais são os saberes teóricos e práticos necessários para ensinar e aprender esta disciplina. Neste momento, apresentaremos um estudo inicial teórico, uma revisão bibliográfica baseada nas reflexões críticas sobre a obra do educador Paulo Freire, Pedagogia da Autonomia: saberes necessário à prática

educativa. Nesta obra o autor elenca 27 pontos (saberes) distribuídos em três capítulos: (1) Não há docência sem discência, (2) Ensinar não é transferir conhecimento e (3) Ensinar é uma especificidade humana. No entanto, para investigar todos esses saberes, articulando-os, posteriormente, com a concepção dos professores de Geografia, aglutinamos os mesmos em conceitos que acreditamos contemplar as discussões presentes. Esta aglutinação de conceitos facilitará nosso trabalho, pois terá a função de nos orientar nos procedimentos de entrevistas com os professores. Os conceitos de comprometimento, alteridade, inacabamento, bom senso e crença na educação são os que julgamos não resumir o livro *Pedagogia da Autonomia*, mas orientá-lo de acordo com o foco do nosso estudo.

A segunda parte do projeto será empírica, e terá como procedimento principal a entrevista semi-estruturada com seis professores que atuam em diferentes turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Investigaremos a sua concepção sobre quais os saberes necessários para ensinar Geografia, na expectativa de apontar eventuais lacunas na formação profissional.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O educador é responsável em sala de aula por alcançar os objetivos principais da educação, conforme indica os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais): compreender a cidadania como participação social e política; posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais; perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente e questionar a realidade formulando problemas e resolvendo-os. Para isto, o educador precisa de algumas ferramentas necessárias. Que o guiarão na hora de tomar um posicionamento, em sala de aula e na maneira como se manifesta em relação aos educandos. Comprometimento, alteridade, inacabamento, bom senso e crença na educação, são algumas das ferramentas que orientam o educador.

Não há prática docente se o educador não estiver comprometido, proporcionando condições para o educando aprender criticamente. Estar comprometido é buscar sempre novas alternativas, se renovar e se comprometer com a busca da consciência crítica, estabelecendo relações entre os conteúdos escolares e os saberes de experiências do cotidiano e respeitando os saberes prévios do educando. Fazendo a sala de aula ter decência e boniteza, para que se torne um ambiente de troca, de construção, não de autoritarismo. Ao ensinar e ensinando se aprende, o educador deve materializar os conteúdos pelas palavras, corporeificando-as, dando exemplos reais, do cotidiano, e assumindo a postura metodológica que defende, ou seja, falar e fazer igualmente, não se contradizer.

Ao abrir espaço para novas oportunidades, o educador se compromete com a educação. E permite aventurar-se e conhecer o novo, quando faz a reflexão da sua prática. "É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática" (FREIRE, 1996, p. 39). Ao nos analisar, assumir e perceber como é a nossa prática que seremos capazes de modificá-la e é nessa dialética de pensar-repensar-mudar, que as trocas acontecem, dessa forma, teremos sempre o poder de optar e modificar, pois isso faz parte da natureza humana.

Na alteridade, outra ferramenta do saber, está contemplada a noção de respeito à identidade cultural do educando. Diz respeito ao educador que defende o ato dos educandos se respeitarem e se assumirem. "Assumir-se como ser social e

histórico pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar” (FREIRE, 1996, p. 41). Como ser em sociedade, saber que faz parte dela e que tem a capacidade de modificá-la. É ver algo com os olhos dos outros, analisar sobre uma outra perspectiva. Por isso, para haver alteridade, é exigido muito trabalho, um processo contínuo de conscientização. Assim como o processo de assumir-se do educando não ocorre de um momento para outro, é preciso muita aceitação e confiança em si mesmo.

O inacabamento surge como ferramenta que complementa as demais, o próprio conceito imprime as noções de reconhecer-se como ser condicionado, a convicção de que a mudança é possível, a presença necessária da curiosidade. Como primeiras palavras do livro *Pedagogia da Autonomia*, aprendemos que o ser humano é inacabado. Reafirmando a importância do nosso estudo, pois com ele, teremos suporte para possíveis reflexões acerca da formação docente e do currículo, que está sempre se renovando e aperfeiçoando. Nada no mundo está determinado, mas sim, estamos condicionados a realizar tal tarefa, e existem inúmeras possibilidades que podemos assumir para transformar este condicionamento, deixar de ser seres programados e se tornar seres críticos, autônomos.

O ser humano também está em constante aprendizado. A curiosidade, que é despertada em cada momento, faz o educando se envolver nas discussões, poder dialogar e buscar novos conhecimentos. Isto é ontológico, o inacabamento e a curiosidade por saber mais são próprios da experiência de vida. Sem a curiosidade, não haveria escola, o homem não teria acumulado todos esses conhecimentos, passando-os de geração a geração.

O educador deve estar aberto para as inquietações dos alunos, jamais abafá-las com comentários restritivos ao diálogo. Pelo contrário, deve ser um incentivador da curiosidade e da liberdade responsável de expressão. Logo, o inacabamento remete às mudanças, e o professor deve levar esta esperança para sala de aula, ter a convicção que a mudança é possível.

O bom senso constitui um saber importante para o educando ele está relacionado com a tomada de decisões perante fatos inesperados. Agir com sensatez, saber relevar certas situações e intervir em outras na medida necessária, sempre diretamente ligado ao diálogo, a paciência, a observação e a ética. Virtudes e ferramentas que guiam o educador em situações cotidianas da sala de aula.

Por último, temos a crença na educação, é a partir dela que se pode atingir uma sociedade justa, mais crítica, na qual os sujeitos busquem, ativamente seus ideais, seus direitos. Que não fiquem alienados, apenas reproduzindo idéias, mas sendo sujeitos construtores de sua autonomia, conscientizando-se das injustiças e imoralidades que o sistema neoliberal provoca. A educação, segundo Paulo Freire, é um ato político, não tem como ser neutra, ou ela mascara e reproduz a ideologia dominante ou ela critica e acredita na ruptura, apostando na mudança radical. Se não houvesse crença na mudança, não teria o porquê de existir a educação, é esta esperança de um mundo novo que move os educadores, pois o mundo não é, está sendo.

4. CONCLUSÕES

Todos esses saberes estão atrelados ao ensino e não somente ao ensino de Geografia e eles são ferramentas que os educadores devem se valer para formar

cidadãos cada vez mais críticos, amadurecendo com o tempo e tendo autonomia, que é a sua liberdade intelectual. Sabendo se inserir no mundo, não simplesmente se adaptando.

O educador deve ser curioso, pesquisador, inquieto e problematizador para passar estas qualidades para os educandos pelo exemplo. Só um educador motivado e disposto à mudança estimulará os educandos na mesma direção, capacitando-os a optar por uma ação libertadora, possibilista diante dos condicionamentos, própria da autonomia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 37 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire**: uma biobibliografia. Brasília, DF: Unesco, 1996.

Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** tradução Ivette Braga 16 ed. Rio de Janeiro: Olympio, 2002.